

A INFLUÊNCIA ALEMÃ E A CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE PEDAGÓGICA EM PORTUGAL – O EXEMPLO DA REVISTA *FROEBEL* (1882-1885)

THE GERMAN INFLUENCE AND THE CONSTRUCTION OF PEDAGOGIC MODERNITY IN PORTUGAL – THE EXAMPLE OF *FROEBEL*' JOURNAL (1882-1885)

Ana Lúcia Cunha Fernandes
Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa

Este texto propõe uma reflexão sobre o desenvolvimento de um projecto de modernização pedagógica, no final do século XIX português, em diálogo com a pedagogia alemã, tendo como referência a figura de Froebel. Para tal, analisou-se uma publicação periódica que assumiu, no âmbito da comemoração do seu centenário, o nome do educador alemão: *Froebel – Revista de Instrução Primária*, publicada entre os anos de 1882 e 1885. Este periódico surge ligado aos Serviços de Instrução do Município de Lisboa, numa época de grande aposta no incentivo camarário ao fomento educativo, com o objectivo de dar a conhecer algumas das iniciativas emblemáticas daquele município no campo da educação popular, concedendo destaque a ideias e práticas defendidas pelos educadores renovadores do período, como os trabalhos manuais, as excursões escolares, a instrução militar e os batalhões escolares. A revista também concede espaço à circulação de saberes em dimensão internacional, ao publicar notícias sobre as iniciativas implementadas em outros países.

Palavras-chave: pedagogia moderna, escola graduada, jardim-de-infância, inovação pedagógica, circulação de ideias pedagógicas.

Key-words: modern pedagogy, graded school, kindergarten, pedagogic innovation, circulation of pedagogical ideas.

1. A revista *Froebel* (1882-1885): caracterização

Ligada aos Serviços de Instrução do Município de Lisboa, *Froebel – Revista de Instrução Primária* dirige-se “Ao Magistério Primário Português” e apresenta como integrantes da redacção elementos da Secretaria de Instrução daquele Município: Feio Terenas (Bibliotecário Geral do Município), A. Ferreira Mendes (Sub-Chefe da Secretaria do Pelouro de Instrução) e Caetano Pinto (Oficial da mesma Secretaria). A partir de Abril de 1884, António Maria de Freitas (professor de instrução primária) passa a exercer as funções de secretário da redacção.

Publicada entre os anos de 1882 e 1885, não teve uma periodicidade regular, sendo mensal, e às vezes quinzenal, no primeiro ano de seu ciclo de vida e, depois, irregular nos anos subsequentes. Tinha 8 páginas e era publicada pela Tipografia de Eduardo Rosa (Lisboa). Apresentava uma estrutura uniforme, constituída por um ou dois artigos de fundo, uma secção destinada a publicar legislação e estatísticas escolares, uma rubrica denominada questões práticas e uma secção mais geral que compreendia notas e informações, resenhas bibliográficas, necrologia, etc. Além dessas secções, apresentava respostas às consultas enviadas pelos leitores, uma rubrica que permaneceu constante ao longo de todo o período de existência da publicação. Também chama a atenção a reprodução de diversas gravuras, como um retrato de

Froebel, bem como fachadas e plantas de escolas mandadas construir no período e modelos de mobília escolar. Significativa é também a publicação sistemática, durante todo o período de vida da Revista, de modelos de escrituração das escolas, mapas estatísticos, planos de estudos, horários, etc.

O surgimento da Revista está ligado às celebrações do Centenário de Froebel em Lisboa, iniciativa camarária que, na tarde do dia 21 de Abril de 1882, fazia inaugurar um Jardim de Infância froebeliano no Passeio da Estrela, à noite promovia uma conferência de Francisco Adolfo Coelho sobre o educador alemão, na Associação de Jornalistas de Lisboa, ao mesmo tempo que nesse mesmo dia fazia também publicar o primeiro número da revista *Froebel*. Nesse número, os responsáveis pela publicação afirmam:

“Tivemos o pensamento de prestar homenagem a Froebel, no dia de seu centenário, fundando esta revista.

O dia 21 de Abril era solene e de galas para as escolas do mundo civilizado e para todos que aceitam como princípio incontestado ser a instrução primária, segundo princípios imutáveis, a base para felizes transformações. [...]

Portugal não faltou à grande solenização. O município de Lisboa honra-se erigindo hoje uma escola para as crianças, segue na corrente da civilização, semelhando as comunas e municípios dos países cultos. [...]

Atraídos, se não fascinados, por homenagem de tal magnitude, também quisemos lugar em concerto de tão elevadas aspirações.

Ligados ao pelouro da instrução do primeiro município do país, tínhamos a pagar a nossa cota de preito e homenagem devida a Froebel; por isso nos apresentamos como romeiros pela instrução primária”.¹

2. O contexto de produção da Revista

Importa referir que o desenvolvimento do projecto de modernização pedagógica no âmbito das iniciativas empreendidas pela Câmara de Lisboa tem início ainda na década anterior, cuja data de 1873 marca a criação do pelouro da instrução no município de Lisboa e que foi confiado a José Elias Garcia – que viria a ser um dos colaboradores da revista *Froebel*. É também oportuno mencionar que o debate sobre uma educação primária renovada prendia-se com a necessidade de implantação de uma escola central (graduada) cuja primeira (a Escola Central-Municipal n.º 1) viria a ter o seu projecto aprovado pela Câmara em 1872, sendo inaugurada em Dezembro de 1875².

É ainda no decurso desse ano que se observa a iniciativa reformadora da Câmara, consubstanciada numa série de medidas e realizações, como, por exemplo, a organização da secretaria do pelouro. É o próprio Elias Garcia que propõe a nomeação de João José de Sousa Teles, que ocuparia o cargo de provedor da instrução, e de Zófimo Consiglieri Pedroso, designado então secretário, duas personalidades de acentuada intervenção política, cultural e pedagógica na sociedade do período e que também viriam a ter uma significativa colaboração na Revista. A acção educativa do município de Lisboa antecipa um período de descentralização do ensino que viria a ter lugar com a Reforma de Rodrigues Sampaio (Lei de 2/5/1878) e que se inscreve, por

¹ A Redacção.: “A revista «Froebel»”, *Froebel. Revista de Instrução Primária*, n.º 1, 21 de Abril de 1882, pp.7-8.

² Sobre a política educativa do município de Lisboa e a organização da escola central ou graduada, ver (especialmente o capítulo 5): SILVA, Carlos Manique.: *Do modo de aprender e de ensinar. Renovação pedagógica e cenários de experimentação da escola graduada (1834 – 1892)*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, 2008.

sua vez, num vasto projecto de escolarização da sociedade, capaz de vencer os alarmantes índices de analfabetismo da época.

A publicação da *Froebel* coincide com a vereação de Teófilo Ferreira no pelouro da instrução da Câmara, entre 1882 e 1883. Director da Escola Normal de Lisboa, é de destacar a ampla formação pedagógica daquele que também foi um dos colaboradores da Revista. Profundo conhecedor dos sistemas educativos de países como Alemanha, Áustria, Bélgica, França, Holanda e Suíça, nações que visitou em 1880, aproveitando a sua participação no Congresso Internacional de Pedagogia realizado em Bruxelas. À frente do pelouro da instrução, também se empenhou noutros projectos, como o da criação do Museu Pedagógico Municipal de Lisboa e da biblioteca anexa, em 1882-1883, encarados como um recurso determinante para o ensino intuitivo e para a própria renovação educacional. Importa referir o facto de as bibliotecas escolares, também consideradas bibliotecas municipais, ou seja, abertas ao público, constituírem um relevante eixo da política educativa do município no biénio de 1882-1883. De salientar igualmente que uma das personalidades com evidente protagonismo nesse período é precisamente o bibliotecário-geral do município, Feio Terenas, um dos redactores da Revista.

3. Os redactores e os colaboradores

Importa observar os redactores e os principais colaboradores do periódico, buscando-se analisar as relações que estabeleceram com outras instituições e associações, com o poder público, com a esfera privada, etc., de acordo com o entendimento de que, por essa análise, algumas redes se tornam evidentes e nos devolvem para um amplo conjunto de lugares, pessoas e conteúdos – espaços de confluência de diferentes sectores interessados nas questões da educação no período em tela. José Maria Moura Barata **Feio Terenas**, **A. Ferreira Mendes** e **Caetano José Pinto** são apresentados como redactores e **António Maria de Freitas** como secretário de redacção (a partir de Abril de 1884). Relativamente aos colaboradores, a *Froebel* contou com diversas contribuições ao longo do seu período de existência, mas, para efeito deste trabalho, decidimos incidir nossa análise sobre alguns deles: João José de **Sousa Teles**, José **Elias Garcia**, Manuel C. A. **Teófilo Ferreira**, Zófimo José **Consiglieri Pedroso** e Francisco **Adolfo Coelho**³.

O que nos interessa destacar é exactamente a actuação desses personagens envolvidos na produção da Revista no contexto mais amplo de suas actividades em consonância com o projecto educativo da Câmara. Parecem estar na base daquele projecto os ideais maçónicos e republicanos (Feio Terenas e Elias Garcia foram destacados membros da maçonaria portuguesa; Consiglieri Pedroso dela se torna adepto em 1888). Quase todos eles ocuparam lugares na administração camarária no pelouro da instrução. Muitos deles actuaram no magistério, tanto no magistério primário como no secundário, como também em instituições “emblemáticas” do período, tais como a Escola Central n.º 1 (na qual António Maria de Freitas veio a leccionar em 1882) ou a Escola Normal de Lisboa, na qual Teófilo Ferreira foi admitido em 1873, desempenhando funções de professor e director. Caetano Pinto leccionou no Liceu Central de Lisboa e Consiglieri Pedroso e Adolfo Coelho no Curso Superior de Letras. Além destes, Elias Garcia também desempenhou funções docentes na Escola do Exército. Outro aspecto que chama a atenção é o elevado número dos que actuaram como redactores ou colaboradores na Imprensa, seja a imprensa periódica geral ou

³ Para a elaboração dessa parte do trabalho foram consultadas as biografias constantes em: NÓVOA, António (Coord.): *Dicionário de educadores portugueses*, Porto, Porto Editora, 2003.

educacional, ressaltando a importância da imprensa na configuração do campo educacional⁴.

4. A dimensão internacional presente na Revista

A *Froebel* assume para si a função de reflectir sobre o ensino primário e os jardins de infância. Seu primeiro número é inteiramente dedicado à divulgação da vida e obra de Froebel e à propagação da importância da filosofia e da pedagogia alemãs. Há que referir o artigo sobre a história dos jardins Froebel em Portugal, da autoria de Teófilo Ferreira, e outro, também sobre o mesmo tema, escrito por Elias Garcia, que narra o surgimento do Jardim de Infância no contexto das iniciativas camarárias⁵.

Embora o primeiro número tenha concedido especial ênfase à vida e obra de Froebel e aos jardins froebelianos, ao longo dos números subsequentes a Revista abordou outros temas, tais como: organização, estrutura e exemplos de "escolas-modelo", referindo-se às escolas centrais e municipais do país e de Lisboa (Escola Central Municipal n.º 1, escola modelo mista do município de Lisboa, etc.) e algumas das suas características (plantas, mobiliário e equipamento ou programas); conteúdos de aprendizagem, muito em especial a educação profissional e geral, os trabalhos manuais e a instrução militar preparatória, na escola primária e no liceu; meios de ensino e actividades de apoio curricular (excursões escolares, bibliotecas municipais populares, museu pedagógico municipal de Lisboa); assistência e apoio social aos alunos, com referências às caixas escolares e a outros organismos oficiais; política e reforma da instrução primária em Portugal e sua comparação com outros países europeus.

Além das secções já mencionadas, o periódico apresentou, a partir do seu terceiro ano, uma rubrica denominada *Boletim do Estrangeiro* na qual foram apresentadas notícias sobre países como França, Inglaterra, Itália, Rússia, Suíça, Suécia,

⁴ Sobre esse aspecto, ver trabalho anterior sobre a Liga Nacional de Instrução, no qual se menciona a aliança entre "jornalismo" e "educação": CARVALHO, Luís Miguel & FERNANDES, Ana Lúcia.: *O conhecimento sobre a educação e os problemas nacionais: os Congressos Pedagógicos da Liga Nacional de Instrução (Lisboa, 1908-1914)*, Lisboa, Educa, 2004.

⁵ Torna-se relevante destacar o artigo de abertura desse primeiro número, uma extensa biografia de Froebel, de autoria de Adolfo Coelho, que seria publicado em regime de continuação, ao longo de vários números da Revista. A esse respeito, a Alemanha parece ter exercido forte influência naquele educador português que, nos seus textos publicados na *Revista de Educação e Ensino (1886 – 1900)* demonstrava estar bastante atento ao que se passava naquele país, citando-o em várias passagens, bem como a vários autores daquela nacionalidade. Sobre o assunto, ver: FERNANDES, Ana Lúcia C.: *A construção do conhecimento pedagógico: análise comparada de revistas de educação e ensino. Brasil – Portugal (1880 – 1930)*, Tese de doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, 2006. Também Rogério Fernandes ressaltou a utilização de material e de exercícios froebelianos na educação de crianças realizada por Adolfo Coelho na cidade do Porto e refere que para o contacto com esse material terá contribuído o seu conhecimento actualizado da literatura pedagógica alemã bem como o seu convívio com Carolina Michaelis e Joaquim de Vasconcelos, ardentes adeptos de Froebel. Sobre o assunto, ver: FERNANDES, Rogério.: *As ideias pedagógicas de F. Adolfo Coelho*, Lisboa, Instituto Gulbenkian de Ciência, Centro de Investigação Pedagógica, 1973. Sobre o jardim froebeliano da Estrela, sua articulação com o projecto educativo municipal e com a introdução da educação infantil em Portugal, consultem-se ainda as seguintes obras: FERNANDES, Rogério.: "Ramalho e o movimento Froebel no século XIX português", In FELGUEIRAS, Margarida Louro & MENEZES, Maria Cristina (Orgs.): *Rogério Fernandes. Questionar a sociedade, interrogar a história, (re)pensar a educação*, Porto, Edições Afrontamento / FPCEUP, 2004, pp.477-494; FIGUEIRA, Manuel Henrique.: *Um roteiro da Educação Nova em Portugal – Escolas Novas e práticas pedagógicas inovadoras (1882-1935)*, Lisboa, Livros Horizonte, 2004; GOMES, Joaquim Ferreira.: *A educação infantil em Portugal*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica / Centro de Psicopedagogia da Universidade de Coimbra, 1986; CARDONA, Maria João.: *Para a história da educação de infância em Portugal. O discurso oficial (1834-1990)*, Porto, Porto Editora, 1997.

Bélgica, Estados Unidos da América, Alemanha e sobre os mais diversos temas: orçamento, bibliotecas, programas, organização do ensino, ensino religioso, exposições escolares, estatísticas, trabalhos manuais, etc. Embora identificado como profundo conhecedor da realidade alemã, Adolfo Coelho discorreu em vários artigos sobre a instrução primária em França. Importa ressaltar ainda que em alguns de seus artigos era acentuada a dimensão comparada, como no artigo sobre o trabalho manual na escola primária no qual ele estabelece comparações entre Portugal, Alemanha, Estados Unidos da América e França. A França aparece, aliás, ao longo de todo o período da Revista, como o país mais citado, se somarmos as referências àquele país contidas nos artigos às que aparecem no *Boletim do Estrangeiro*. Não apenas Adolfo Coelho, mas também Feio Terenas (Estatística da instrução primária em França) e N. Alves Correia (A instrução primária em Paris; O conselho superior de instrução pública em França) escreveram sobre aquele país⁶.

5. Froebel e a pedagogia alemã como referência para a modernização pedagógica em Portugal

A revista *Froebel* surge como porta-voz de educadores ligados ao movimento de renovação pedagógica que atravessa a segunda metade do século XIX português. Nas suas próprias páginas, expressões como “pedagogia moderna”⁷, “pedagogistas modernos”⁸, “modernos processos pedagógicos”⁹, “ensino moderno”¹⁰, “novos métodos de ensino”¹¹, etc. são uma constante. A consciência de que estão a atravessar, a este respeito, um “período verdadeiramente revolucionário”¹² é muito aguda. Os discursos dos seus colaboradores enfatizam, com frequência, o contraste que acreditam existir entre a “velha pedagogia” e a “moderna pedagogia”. Na óptica do inspector Simões Raposo, “a velha pedagogia abstracta e formalista, que por tantos séculos regeu os destinos da escola e da instrução popular, vai dia a dia perdendo terreno em todos os campos e em todos os países”¹³. Feio Terenas é ainda mais taxativo: “a velha escola e o velho professor desapareceram nos estados civilizados”¹⁴. Esta concepção dicotómica tem as suas raízes na difusa influência positivista que impregna os discursos pedagógicos no período de transição entre os séculos XIX e XX. Acredita-se sinceramente no “progresso”¹⁵, na “perfectibilidade humana”, na inserção numa

⁶ Em Portugal de finais do século XIX foi comum a mobilização daquele país como sociedade de referência nos textos que invocavam argumentos de autoridade com base no contexto internacional. Por sua vez, a utilização da língua francesa como veículo privilegiado de divulgação pode ser exemplificada com a publicação, em nos últimos números da Revista *Froebel*, de uma outra secção intitulada *Bulletin pour l'étranger*, escrita em francês, cujo objectivo era dar a conhecer aos estrangeiros a situação da educação primária em Portugal.

⁷ COELHO, F. Adolfo.: “Vida e obras de Frederico Froebel. III. O Instituto de Keilhau”, *Froebel...*, n.º 3, 1 de Junho de 1882, p.17.

⁸ COELHO, F. Adolfo.: “O trabalho manual na escola primária. III. A realização prática”, *Froebel...*, n.º 9, 15 de Outubro de 1882, p.65.

⁹ “Escola Modelo”, *Froebel...*, n.º 10, 1 de Novembro de 1882, p.74.

¹⁰ TERNAS, Feio.: “Estatística”, *Froebel...*, n.º 11, 15 de Dezembro de 1882, p.83.

¹¹ TERNAS, Feio.: “Escola Central Municipal n.º 1”, *Froebel...*, n.º 6, 15 de Julho de 1882, p.44.

¹² TERNAS, Feio.: “Escola Central Municipal n.º 1”, *Froebel...*, n.º 5, 1 de Julho de 1882, p.38.

¹³ RAPOSO, Simões.: “Os Jardins de Infância de Froebel”, *Froebel...*, n.º 1, 21 de Abril de 1882, p.4.

¹⁴ TERNAS, Feio.: “Escola Central Municipal n.º 1. III”, *Froebel...*, n.º 9, 15 de Outubro de 1882, p.70.

¹⁵ FERREIRA, Teófilo.: “Escolas Infantis ou Jardins de Froebel (apontamentos para a sua história em Portugal). I”, *Froebel...*, n.º 1, 21 de Abril de 1882, p.2.

“corrente da civilização”¹⁶ e considera-se, em particular, que a “felicidade dos estados” será o resultado de uma “boa educação”¹⁷.

Os chamados “países cultos” surgem, em articulação com a noção de “civilização”, como uma referência incontornável no sentido da modernização pedagógica, admitindo-se que há “nações que nos podem servir de modelo”¹⁸, entre elas a Alemanha, a par da França, da Bélgica, da Suíça, dos Estados Unidos, entre outras. Como se viu, a presença francesa é a mais visível, designadamente quando se chama a atenção para “tudo o que o governo republicano da França tem feito pela instrução”¹⁹ ou se dá conta das ideias ou das medidas de Paul Bert e de Jules Ferry. A influência alemã é igualmente assinalável ou não fosse a Revista, em especial o seu número inaugural, dedicada à memória de Froebel. Na opinião de Teófilo Ferreira, então vereador do pelouro da instrução da Câmara Municipal de Lisboa, “quando se trata de questões de ensino popular, ninguém deixa de apontar como modelo essa infatigável Alemanha, célebre a muitos respeito, e especialmente sob o ponto de vista da sua educação nacional”²⁰. Idêntica opinião é a manifestada pelo já citado Simões Raposo, ao apelar a que se faça “inteira justiça à culta Alemanha, por ter sido ela que “primeiro revolucionou o ensino e que lançou por terra o império dos velhos métodos autoritários”²¹.

A figura de Froebel surge, a este propósito, revestida de uma intensa exemplaridade, de uma verdadeira heroicidade, no sentido positivista do termo. Teófilo Ferreira fala do “herói que hoje festejamos” em texto em que dá conta da inauguração, no Jardim da Estrela, em 1882, da “primeira Escola Infantil, onde se empregarão os processos seguidos pelo imortal pedagogo alemão”²². Segundo Simões Raposo, o “sistema de ensino” de Froebel “tem revolucionado o mundo pedagógico da Europa e da América”²³. Caetano Pinto considera que “é no sentido do movimento froebeliano que hão de ser conduzidos todos os progressos da escola”²⁴, dando conta, assim, da inspiração fortemente froebeliana do movimento renovador. Adolfo Coelho, um dos principais pensadores pedagógicos do período e colaborador assíduo da Revista, dedica uma sequência de cinco artigos ao percurso vital de Froebel e à sua herança pedagógica. A homenagem que presta ao educador alemão não põe em causa o apelo a uma leitura crítica da sua obra:

“Expomos simplesmente as ideias de Froebel. Estamos convictos de que essas bases pretendidas do seu sistema são a parte passageira da sua obra, conquanto ele as supusesse eternas. Chegar à obra da educação com um sistema de ideias fundamentais a comunicar é negar o princípio mesmo da pedagogia moderna de que o educador não deve ministrar doutrinas, mas sim dirigir o educando de modo que ele com a maior originalidade tire de si doutrinas, ache essa parte relativa da verdade a que cada um

¹⁶ A Redação.: “A Revista «Froebel»”, *Froebel...*, n.º 1, 21 de Abril de 1882, p.7.

¹⁷ FERREIRA, Teófilo.: “Escolas Infantis ou Jardins de Froebel (apontamentos para a sua história em Portugal). I”, *Froebel...*, n.º 1, 21 de Abril de 1882, p.3.

¹⁸ Idem., p.2.

¹⁹ COELHO, F. Adolfo.: “A instrução primária em França”, *Froebel...*, n.º 6, 15 de Julho de 1882, p.41.

²⁰ FERREIRA, Teófilo.: “Escolas Infantis ou Jardins de Froebel (apontamentos para a sua história em Portugal). I”, *Froebel...*, n.º 1, 21 de Abril de 1882, p.3.

²¹ RAPOSO, Simões.: “Os Jardins de Infância de Froebel”, *Froebel...*, n.º 1, 21 de Abril de 1882, p.4.

²² FERREIRA, Teófilo.: “Escolas Infantis ou Jardins de Froebel (apontamentos para a sua história em Portugal). I”, *Froebel...*, n.º 1, 21 de Abril de 1882, p.3.

²³ RAPOSO, Simões.: “Os Jardins de Infância de Froebel”, *Froebel...*, n.º 1, 21 de Abril de 1882, p.6.

²⁴ MENDES, A. Ferreira.: “Questões práticas”, *Froebel...*, n.º 2, 15 de Maio de 1882, p.15.

pode aspirar. Uma doutrina, seja ela qual for, sobre as coisas fundamentais, é a negação mesma do progresso”.²⁵

Esta citação é extremamente interessante, em particular pela relativização que o autor faz dos sistemas de ideias, mesmo que à partida inovadores, que se encerram sobre si próprios. Adolfo Coelho mostra-se partidário de uma concepção educativa, de inspiração naturalista, em que o trabalho do educando, no sentido da redescoberta do saber (sempre relativo), ainda que conduzido pelo educador, ocupa um lugar de grande centralidade. O sistema de Froebel pode, assim, na sua opinião, servir de inspiração, mas não deve ser aplicado de forma dogmática. Vão no mesmo sentido mais alguns dos comentários feitos pelos articulistas da *Froebel*. Teófilo Ferreira contesta o que considera ser uma atitude frequente, a de se alimentarem “grandes ilusões acerca das coisas estrangeiras” ao mesmo tempo que não se encontram “quase nenhuns apreciadores das nacionais”. O mesmo autor, ao mesmo tempo que sublinha a necessidade de se criarem, em Portugal, escolas baseadas no sistema de Froebel, reflecte sobre “as modificações que se lhe devem introduzir no nosso país”²⁶. Simões Raposo, depois de considerar Froebel “o verdadeiro psicólogo da vida da criança”, afirma ser preciso, porém, “não exagerar o seu sistema”²⁷. Esta sequência de excertos remete-nos para o problema da circulação internacional de ideias pedagógicas, no caso as de Froebel, e sua apropriação por actores locais tendo em vista a reforma educativa. Não se trata, como parece ficar claro, de uma mera influência directa. O educador surge como bandeira do movimento renovador e fonte de inspiração de algumas das iniciativas práticas, mas as suas concepções são interpretadas, de forma mais ou menos criativa, pelos educadores portugueses.

Além disso, a afirmação da “pedagogia moderna” passa, igualmente, pela evocação das suas raízes, míticas ou reais, e por um processo de sacralização das principais figuras com ela articuladas e do próprio processo educativo, dos seus agentes e dos seus espaços.

“Comenius, Pestalozzi e Froebel são inquestionavelmente os apóstolos desta nova religião do ensino popular...

E nem podia deixar de ser assim; por isso que o sistema de Froebel, sendo uma reivindicação das leis da natureza em matéria educativa, veio lançar por terra e para sempre a velha pedagogia, já profundamente aluída por Comenius e por Pestalozzi, por Girard, Fleury, Foe, Rousseau e outros insignes mestres da ciência da educação.”²⁸

Saudamos a data gloriosa da nova redenção humana, saudamos Froebel curvando-nos ante o seu vulto gigante e aqui vimos guiados pela luz da fé e da crença nos dogmas da filosofia moderna, fazer oblação da nossa obra ao grande apóstolo do ensino da infância...

O préstito ia desfilar por todo o orbe, em direcção à escola, nova terra santa; a peregrinação era oferecida a Froebel, novo mestre perante o qual as nações se curvam”.²⁹

As duas anteriores citações são uma ilustração clara das ideias anteriormente afirmadas. A revolução pedagógica que os nossos actores acreditam protagonizar surge legitimada pela invocação dos heróis associados à sua preparação, em particular Comenius,

²⁵ COELHO, F. Adolfo.: “Vida e obras de Frederico Froebel. III. O Instituto de Keilhau”, *Froebel...*, n.º 3, 1 de Junho de 1882, p.17.

²⁶ FERREIRA, Teófilo.: “Escolas Infantis ou Jardins de Froebel (apontamentos para a sua história em Portugal). I”, *Froebel...*, n.º 1, 21 de Abril de 1882, p.3.

²⁷ RAPOSO, Simões.: “Os Jardins de Infância de Froebel”, *Froebel...*, n.º 1, 21 de Abril de 1882, p.5.

²⁸ Idem., pp.4-5.

²⁹ A Redacção.: “A Revista «Froebel»”, *Froebel...*, n.º 1, 21 de Abril de 1882, p.7.

Rousseau, Pestalozzi e Froebel, alvo, além disso, de um processo de sacralização, de inspiração positivista, ao surgirem como “apóstolos desta nova religião do ensino popular”. A crença, igualmente de fundo religioso, na “redenção humana” por via da educação, a consideração da escola como “nova terra santa” e as referências, entre outras, à “luz da fé” ou à “crença nos dogmas da filosofia moderna”, remetem-nos para esse processo de transferência de sacralidade e, simultaneamente, para o seu carácter aparentemente paradoxal, uma vez que se apresentam as “leis da natureza” como fundamento dessa “nova religião” e que os referidos educadores são apresentados como “mestres da ciência da educação”. Vários dos temas abordados na revista remetem-nos, de resto, para a afirmação da educação como área científica. É o caso das referências ao mobiliário e à arquitectura escolares, designadamente no que diz respeito à iluminação e à circulação do ar. Essa afirmação parece, no entanto, harmonizável com a valorização da experiência prática do professor. Adolfo Coelho, no prolongamento da sua reflexão, já aqui invocada, sobre a relatividade da teoria pedagógica, afirma, por exemplo, que “dos livros dos pedagogistas para a realização prática, repetimos, vai uma enorme distância quase sempre”³⁰. Caetano Pinto é ainda mais explícito no que se refere à valorização do trabalho docente:

“As responsabilidades do professor tomam proporções tão grandes que é necessário que ele se convença da necessidade de resolver muitos dos problemas do ensino buscando essa solução na prática...

É opinião de muitos que o método é o professor. Eu aproveito este princípio. É o professor, em frente da aptidão intelectual do aluno, que faz o método, firmando-se nos princípios gerais dos melhores mestres.”³¹

Estas reflexões são coerentes com a definição, clássica na época, da educação como a ciência e a arte de ensinar. O reconhecimento da possibilidade de abordar cientificamente o campo educativo não parece inconciliável com a valorização da dimensão artesanal do trabalho do professor, designadamente no que diz respeito ao papel atribuído à experiência na aprendizagem do ofício ou à consideração do carácter único e criativo da relação pedagógica. É isso que explica o relevo tido por conceitos como “bom senso” ou “tacto pedagógico” nos discursos sobre a prática docente, mesmo quando não são postos em causa os “princípios gerais dos melhores mestres” a que alude Caetano Pinto. Na verdade, eles devem ser aplicados de forma criativa, de acordo com o defendido anteriormente por Adolfo Coelho³².

6. O programa renovador: da escola graduada à educação integral

Os artigos publicados na revista *Froebel* representam, no seu conjunto, uma expressiva sistematização dos principais temas e propostas da agenda renovadora. Convém ter em conta, por um lado, que as últimas décadas do século XIX constituem um momento privilegiado no que diz respeito à intensificação do processo de escolarização e à construção do modelo escolar, bem visíveis, por exemplo, na centralidade do tema da educação popular ou no debate sobre a escola graduada. Por

³⁰ COELHO, F. Adolfo.: “O trabalho manual na escola primária. III. A realização prática”, *Froebel...*, n.º 9, 15 de Outubro de 1882, p.65.

³¹ MENDES, A. Ferreira.: “Questões práticas”, *Froebel...*, n.º 2, 15 de Maio de 1882, p.14.

³² Sobre a afirmação, em Portugal, da chamada “pedagogia moderna e temas conexos, pode consultar-se o seguinte texto: PINTASSILGO, Joaquim.: “Os manuais de pedagogia no primeiro terço do século XX: entre a tradição e a inovação”, In PINTASSILGO, Joaquim et al (Org.): *História da Escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais*, Lisboa, Edições Colibri / CIEFCUL, 2006, pp.175-200.

outro lado, a “pedagogia moderna”, então, como vimos, em fase de inequívoca afirmação, contém já em si muitos dos temas que incorporarão, na transição para o século XX, o ideário da chamada “Educação Nova”. A continuidade entre os dois momentos parece-nos inquestionável, sem que pretendamos pôr em causa a novidade de alguns temas trazidos posteriormente a debate, como são os casos, entre outros, da “escola activa” e do “self-government”.

Um dos temas que mais presença marca nas páginas da Revista é, na verdade, o referente à inédita iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa de criar um conjunto de Escolas Centrais, nas quais são concretizados os princípios da graduação do ensino. Feio Terenas dedica mesmo uma sequência de três artigos à Escola Central Municipal n.º1, incluindo plantas do edifício, uma descrição detalhada do espaço e estatísticas relativas a alunos e professores.

“A escola central n.º1 foi o ponto de partida para a organização de outras de idêntica organização e já actualmente temos, na capital, doze escolas centrais com quatro aulas cada uma, fora outras de ensino especial (ginástica, canto coral, desenho, labores e caligrafia) – que funcionam nos edificios escolares...
O professor, que tinha de atender a todos os ramos de ensino marcados no programa de exame de admissão aos liceus, que por vezes teria de recorrer a todos os esforços para prover às necessidades de uma classe numerosa, dividida em grupos de diferentes graus de adiantamento, aí o temos, na escola central, com serviço limitado por uma bem estudada divisão do ensino da instrução primária. Assim, o ensino, que na escola paroquial está a cargo de um só professor, na escola central está a cargo de quatro”.³³

É bem visível, no discurso de Feio Terenas, a consciência da novidade representada pela introdução da escola graduada (em Portugal denominada de “escola central”), bem como das suas implicações no trabalho dos professores e na aprendizagem dos alunos. A “escola central” surge como um modelo mais perfeito e racional, do ponto de vista da organização pedagógica, e destinado a substituir as “escolas paroquiais”, também designadas como “escolas isoladas”, cuja organização aparecia agora como anacrónica e irracional. As “escolas centrais” contêm ainda em si, segundo o articulista, uma outra inovação: a inclusão no currículo de novas áreas, tidas como “especiais”, e atribuídas a professores da respectiva especialidade, numa perspectiva de alargamento da “educação geral” dos alunos, tendo em vista a consecução de uma “educação completa”. Daí o relevo dado à construção de um ginásio anexo à escola. A Escola Central Municipal n.º1 assume, neste contexto, um carácter paradigmático. Ela constitui o exemplo a ser seguido, tanto no que diz respeito aos edifícios (no caso, construído de raiz) como à organização pedagógica, tornando-se o símbolo máximo da “revolução” educativa que se acreditava estar em curso. É exactamente esse carácter revolucionário, representativo e global que é sublinhado por A. Ferreira Mendes no projecto das escolas graduadas da capital:

“Em Lisboa, as escolas centrais municipais, possuindo entre o pessoal docente alguns professores muito distintos, fornecidas com as mobílias e utensílios escolares, recomendados pelos higienistas e pedagogos mais autorizados; funcionando em salas vastas, cheias de luz, ventiladas e tratadas com o máximo asseio – são hoje o que de há muito deviam ter sido – isto é: um lugar cheio de atracção para a criança. E é isto o que a escola deve ser. Porque é na escola onde a criança vai desenvolver a inteligência, formar o coração e disciplinar a vontade, é a escola o verdadeiro cadinho, que após a depuração do indivíduo que a natureza lhe entrega no estado rude e inconsciente – deve

³³ TERNAS, Feio.: “Escola Central Municipal n.º 1. III”, *Froebel...*, n.º 9, 15 de Outubro de 1882, p.67.

devolvê-lo à sociedade já transformado e com o espírito preparado para entrar serena e conscientemente na vida social”.³⁴

O excerto anterior é uma excelente síntese do projecto de transformação da criança subjacente à “pedagogia moderna” e às propostas inovadoras nela contidas. A criança passa a estar no centro do processo educativo e, por isso, segundo uma fórmula então popularizada, a escola tem de ser um lugar “atraente”. Todo o espaço e respectivo mobiliário deve seguir os preceitos ditados pela ciência e pela higiene escolar, expressão clara da importância que os discursos médicos e higienistas começam a assumir no campo educativo. Embora pensada para a criança, a escola tem por finalidade prepará-la para a “vida social”. É essa a ambição do projecto de educação integral então montado, tendo em vista o desenvolvimento intelectual e físico, mas, particularmente, “formar o coração e disciplinar a vontade”, já que a transformação deve ocorrer em todas as dimensões da vida da criança. A finalidade integradora da escola, embora associada a um projecto de transformação social, está aqui claramente presente. Aspira-se, nas palavras da Redacção, à formação de “bons e vigorosos cidadãos”³⁵, preparados para a vida na “nova sociedade” anunciada por J. C. Rodrigues da Costa³⁶.

A política educativa desenvolvida, entre o final dos anos 70 e o início dos anos 80 do século XIX, pelo município de Lisboa, de que as “escolas centrais” foram o símbolo maior, decorria de um amplo projecto de educação popular que continha várias outras dimensões, como nos mostra um dos seus responsáveis, o bibliotecário geral Feio Terenas, que não deixa, igualmente, de sublinhar o ideal de educação integral e a finalidade de formar cidadãos como sua ambição suprema:

“Assim, a Ex.^{ma} Câmara Municipal... dotou sucessivamente a cidade de Escolas Centrais, que hoje se podem ver completas, conforme os melhores modelos da Europa e América, onde não faltam os elementos para a boa educação cívica, intelectual, física e artística; o jardim Froebel para a educação dos sentidos nas primeiras idades; o Museu Pedagógico para a história da instrução nacional e para o estudo da pedagogia comparada; a caixa económica escolar; os cursos dominicais; os batalhões escolares, tão próprios para radicar o brio e a disciplina no espírito dos futuros cidadãos; o desenho; o canto coral; finalmente srs., as Bibliotecas Municipais, que são o complemento da escola”.³⁷

Todas as iniciativas inovadoras aqui recenseadas (a par de outras) são abordadas em artigos espalhados ao longo da colecção completa da Revista. Vamos aqui analisar os casos de três dessas inovações, pela importância que parecem assumir: o trabalho manual educativo, as excursões escolares e os batalhões escolares. O trabalho manual é analisado numa sequência de cinco artigos da autoria de Adolfo Coelho, que o apresenta como uma das “inovações” que mais contribuíram para o “alargamento” da noção de “educação geral”, daí a necessidade de o distinguir da “educação profissional”. O autor apresenta-o como sendo um elemento nuclear da “pedagogia moderna”.

As excursões escolares são abordadas numa série de quatro artigos, iniciada por João José de Sousa Teles e concluída por Feio Terenas. O primeiro considera-as como sendo um remédio eficaz para enfrentar “a atrofia física, intelectual e moral dos infantes” resultante da incompetência dos pais para “educar[em] seus filhos”³⁸. Para

³⁴ MENDES, A. Ferreira.: “Festa Escolar”, *Froebel...*, n.º 11, 15 de Dezembro de 1882, p.86.

³⁵ A Redacção.: “A Revista «Froebel»”, *Froebel...*, n.º 1, 21 de Abril de 1882, p.8.

³⁶ COSTA, J. C. Rodrigues da.: “O Batalhão Escolar do Município Lisbonense”. *Froebel...*, n.º 13, 1883, p.97.

³⁷ TERENAS, Feio.: “Bibliotecas Municipais”, *Froebel...*, n.º 15, 1883, p.114.

³⁸ TELES, João José de Sousa.: “Excursões Escolares. I”, *Froebel...*, n.º 14, 1883, p.105.

Feio Terenas as excursões escolares são uma das estratégias mais recomendadas pela “moderna pedagogia” e, em particular, uma das formas privilegiadas de concretização do “ensino intuitivo”, “método único aplicável com vantagem à instrução das crianças”, na verdade uma das grandes modas pedagógicas do final do século XIX e que será reapropriada pela “Educação Nova”. As excursões podem ter por destino, segundo o autor, aldeias, cidades, fábricas, oficinas, templos, o campo ou as montanhas, procuram corresponder à “curiosidade de saber” espontânea dos alunos e têm em vista a sua “educação completa”, ao promoverem as faculdades do espírito, do corpo e do coração dos jovens³⁹. Segundo Feio Terenas, as “escolas centrais” de Lisboa já promoveriam essa prática, graças à iniciativa do vereador Teófilo Ferreira, para além de estarem perfeitamente equipadas para corresponder às exigências do “ensino intuitivo”⁴⁰. Noutro artigo, o mesmo autor procura caracterizar este ensino, chamando, em particular, a atenção para o seguinte: “o espírito deve entrar na esfera dos princípios por intermédio dos exemplos, conduzindo do particular para ao geral, do concreto para o abstracto”⁴¹.

A Câmara Municipal de Lisboa foi, igualmente, pioneira na introdução da educação física nas escolas em articulação com a instrução militar. O grande entusiasta da ideia foi o antigo vereador Elias Garcia, que relata o seu percurso em artigo inserto na *Froebel*. A primeira aparição de um “batalhão escolar”, testemunhada, de resto, numa ilustração inserta na Revista, acontece no âmbito da “festa escolar”, realizada no dia 24 de Dezembro de 1882, destinada à distribuição de prémios aos alunos do conjunto das escolas municipais. O batalhão, que percorreu as ruas da cidade, terá sido, segundo a descrição de A. Ferreira Mendes, aclamado pelo “povo da capital”⁴². J. C. Rodrigues da Costa, em artigo dedicado ao tema, considera que a finalidade principal dessa estratégia é a de promover “uma profunda educação moral das novas gerações, ao presente desorientadas e perdidas”, visando, em particular, assegurar “a integridade nacional” e evangelizar com base nos “mais austeros e prolíficos dogmas da moralidade, de ordem e de civismo”⁴³. É o já referido projecto de integração social e de regeneração da alma e do corpo dos alunos das escolas primárias que aqui voltamos a encontrar. A instrução militar preparatória aspirava, através da educação física que lhe estava associada, à formação de jovens, os cidadãos-soldados do futuro, fortes e saudáveis, capazes de defenderem a Pátria, se necessário, de armas na mão, suficientemente ordeiros e disciplinados para participarem, com civismo, na vida pública liberal. Insistentemente defendida pelos sectores republicanos e maçónicos (muitos dos colaboradores da *Froebel* eram-no), a instrução militar dos jovens escolares seria, no futuro, uma das iniciativas emblemáticas, ainda que polémica, da fase inicial do regime republicano instaurado em 1910⁴⁴.

7. Considerações finais

A análise da revista *Froebel* permitiu-nos perceber a forma como os educadores portugueses do final de oitocentos implicados no processo de renovação pedagógica usaram a pedagogia alemã e, em particular, o pensamento de Froebel, como referência e

³⁹ TERENAS, Feio.: “Excursões Escolares. III”, *Froebel...*, n.º 17, 1883, p.129.

⁴⁰ TERENAS, Feio.: “Excursões Escolares. IV”, *Froebel...*, n.º 18, 1884, p.138.

⁴¹ TERENAS, Feio.: “Corografia e geografia de Portugal”, *Froebel...*, n.º 19, 1884, p.148.

⁴² MENDES, A. Ferreira.: “Festa Escolar”, *Froebel...*, n.º 11, 15 de Dezembro de 1882, p.86.

⁴³ COSTA, J. C. Rodrigues da.: “O Batalhão Escolar do Município Lisbonense”. *Froebel...*, n.º 13, 1883, p.99.

⁴⁴ Sobre a Instrução Militar Preparatória e os Batalhões Escolares pode consultar-se a seguinte obra: PINTASSILGO, Joaquim.: *República e formação de cidadãos: a educação cívica nas escolas primárias da Primeira República portuguesa*, Lisboa, Edições Colibri, 1998, pp.201-224.

fundamento para a sua acção reformista. Num contexto de grande investimento do município na educação popular e na escolarização, é criado em Lisboa um conjunto de instituições pioneiras, como um jardim de infância de inspiração froebeliana, escolas graduadas, caixas económicas escolares, bibliotecas populares e um museu pedagógico. O combate pela afirmação da “pedagogia moderna” incluía, ainda, a divulgação de propostas consideradas inovadoras como os trabalhos manuais educativos, as excursões escolares ou a educação militar, tendo como referência o ideal de educação integral e recorrendo ao chamado método intuitivo. Mas, para além da referência alemã, aqui incontornável (ainda que não pondo em causa a tradicional influência francesa), importa-nos enfatizar a forma original como são reinterpretados os seus pressupostos, em diálogo com as fontes mas atenta aos particularismos locais. A modernidade pedagógica constrói-se, em Portugal como noutros cenários, tendo como suporte a circulação internacional de ideias e práticas inovadoras, no âmbito da qual, e das redes que vão entretecendo, os nossos educadores se vão apropriando, à sua maneira, do que lhes parece funcional à regeneração do país por via da educação. Froebel surge-nos, assim, neste contexto, para utilizar a terminologia de T. S. Popkewitz, como o “indigenous foreigner” que ilumina o credo renovador e elemento central da “traveling library” que fundamenta o seu ideário⁴⁵. Neste caso, a revista *Froebel* constitui ela própria um espaço intermédio, isto é, que se interpõe entre o contexto nacional e o cenário internacional. Ao registar as duas dimensões e, ao mesmo tempo, ao contribuir para a circulação de ideias, concepções, modelos, etc., nos dois níveis mencionados, a publicação busca responder às necessidades do contexto histórico local, ao mesmo tempo que procura acompanhar e dar a conhecer o que se passa no estrangeiro.

⁴⁵ Sobre estes conceitos e sobre a circulação internacional do pensamento pedagógico e respectivas apropriações locais, vejam-se, entre outras, as seguintes obras: POPKEWITZ, Thomas S.: *Inventing the modern self and John Dewey. Modernities and the traveling of pragmatism in education*, New York, Palgrave Macmillan, 2008; CHARLE, C., SCHRIEWER, J., & WAGNER, P. (Eds.): *Transnational intellectual networks. Forms of academic knowledge and the search for cultural identities*, Frankfurt, New York, Campus Verlag, 2004.